

Kinno Cerqueira

CURSO BÁSICO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Chaves
para ler a
Bíblia



CURSO BÁSICO DE
INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Chaves
para ler a
Bíblia

Centro de Estudos Bíblicos – CEBI
Serviço de Publicação

Centro de Estudos Bíblicos – CEBI

Rua João Batista de Freitas, 558
93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (051) 3568-2560
www.cebi.org.br
vendas@cebi.org.br

CURSO BÁSICO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Chaves
para ler a
Bíblia

Kinno Cerqueira

São Leopoldo



2020

Direitos de publicação e comercialização do
Centro de Estudos Bíblicos – CEBI

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Angélica Ilacqua – CRB 8/7057

C394c Cerqueira, Kinno
Curso básico de interpretação bíblica “Chaves para ler a Bíblia” [livro eletrônico] / Kinno Cerqueira. – São Leopoldo : Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, 2020.
36 p.
ISBN: 978-65-86739-07-7 (e-book)
1. Bíblia – Interpretação 2. Bíblia – Leitura I. Título
20-4329 CDD 220.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia - Interpretação 220.07

Capa

Licurgo S. Botelho

Revisão textual

Priscilla Alves

Pareceristas

Ildo Bohn Gass e Paulo Ueti

Projeto gráfico e editoração

Rafael Tarcísio Forneck

A reprodução, ainda que parcial, por qualquer meio, das páginas que compõem este livro, para uso não individual, mesmo para fins didáticos, sem autorização escrita do editor, é ilícita e constitui uma contrafação danosa à cultura.

Sumário

Introdução.....	7
1 Maria e Francisco: uma conversa agradável	10
2 A cada paginar, uma prosa.....	13
3 A vida de Jesus como chave para ler a Bíblia.....	19
4 A Bíblia apresenta projetos conflitantes entre si	22
5 O tema da Bíblia é a vida.....	26
6 A Bíblia é testemunho escrito sobre a Palavra de Deus	32
Para não concluir.....	36

Introdução

Em Lc 10,25-37, assistimos a um diálogo entre um especialista da Lei e Jesus (Lei é o que hoje chamamos de Antigo Testamento). O especialista da Lei pergunta a Jesus: “Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?”. Jesus, então, responde-lhe com duas perguntas: “Que está escrito na Lei? Como lê?”. Notemos que Jesus fez duas perguntas distintas: a primeira é sobre o “que” está escrito e a segunda, sobre o “como” se lê o que está escrito.



O especialista da Lei apresenta boa memória. Ele sabe “de cor” o que está escrito. Ele, inclusive, é capaz de fazer um brilhante resumo da Lei, juntando duas passagens: Dt 6,5 com Lv 19,18, ficando assim: “Amarás o Senhor, teu Deus, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente, e teu próximo como a ti mesmo”. Jesus gostou do que ouviu e aprovou o especialista da Lei com nota máxima: “Respondeste bem. Faze isto e viverás”, disse-lhe Jesus.

Como vemos, o especialista da Lei era um homem de boa memória. Ele sabia o que estava escrito. Tinha tudo na ponta da língua. Mas nem tudo eram flores! Ele lidava com um problema: mesmo sabendo “de cor” o mandamento de amar a Deus e ao próximo, ele não sabia quem era o próximo: “Quem é o meu próximo?”, ele pergunta a Jesus.

Relembremos que as duas perguntas que Jesus lhe fizera abrangem duas dimensões da leitura: o “que” e o “como”. A segunda pergunta (Como lê?) é o nó da questão. Essa pergunta, em grego, lemos assim: “*Pôs anaguinoskeis?*”, que significa “Como lê?” ou “Como interpreta?”. Na continuação do texto, fica claro que o especialista da Lei sabia muito bem o “que” estava escrito, mas tinha dificuldade quanto ao “como” ler/interpretar o que estava escrito. Sabia que ali estava escrito a palavra “próximo”, mas tinha sérias dúvidas quanto a seu significado no conjunto da Lei e a sua correspondência na vida.

Nas comunidades de fé e conosco mesmo pode ocorrer algo parecido. Quando nos perguntamos pelo *que* está escrito, temos muita clareza. Somos capazes de contar “de cor” as histórias presentes na

Bíblia e de recitar duas dezenas de versículos com muita facilidade. Por outro lado, quando nos perguntamos sobre o *como* ler/interpretar a Bíblia, aí surgem muitos problemas.

Durante a minha experiência como assessor de rodas de leitura, descobri que mais importante do que interpretar uma e outra passagem bíblica para o povo é ajudá-lo a descobrir “chaves de leitura” com as quais possa ler toda a Bíblia.

Chaves destrancam, permitem ver melhor o que está por trás de portas. A Bíblia é como uma casa repleta de cômodos com suas portas fechadas. Chaves de leitura são necessárias para destrancar as portas da Bíblia. Há muitas portas na Bíblia. São necessárias muitas chaves! Mas há portas que são as principais, as mais importantes. Ter chaves para essas portas mais importantes é um excelente ponto de partida.

Neste curso básico de interpretação bíblica, são apresentadas, sucintamente, quatro chaves para ler a Bíblia. Caminhemos...

1.

Maria e Francisco:

uma conversa agradável

Francisco conheceu uma padeira chamada Maria que, na altura dos seus 90 anos, continuava a trabalhar como se fosse uma mocinha. Todas as manhãs, Francisco comprava pão na padaria de dona Maria. Ele sempre se perguntava pela história de vida daquela forte senhora. “Onde terá nascido essa senhora? Como ela aprendeu a ser padeira? Por que ela decidiu ser padeira e por que motivo continua fazendo pães?”, eram perguntas que Francisco fazia a si mesmo.

Certo dia, Francisco foi falar com dona Maria, dizendo-lhe: “Dona Maria, sempre que venho comprar pães em sua padaria e vejo-lhe a trabalhar, pergunto-me por sua história de vida. A senhora poderia, por gentileza, contar-me um pouco sobre você mesma?”. Após ouvi-lo, dona Maria disse-lhe: “Sim, é claro, mas isso demanda

uma longa conversa. Afinal de contas, pessoas da minha idade têm muito o que dizer. Vamos tomar um café, Francisco, enquanto eu lhe conto um pouco sobre mim”, conclui dona Maria.



Dona Maria e Francisco conversaram o dia quase todo. Ao final da tarde, ambos estavam satisfeitos: dona Maria, porque Francisco se interessara por sua história de vida; Francisco, porque dona Maria lhe contara tudo, exceto alguns detalhes dos quais ela não se lembrava mais. “O resto você completa perguntando às pessoas que me conheceram”, acrescentou dona Maria.

O mais bonito de tudo é que dessa conversa nasceu uma bela amizade que durou para sempre.

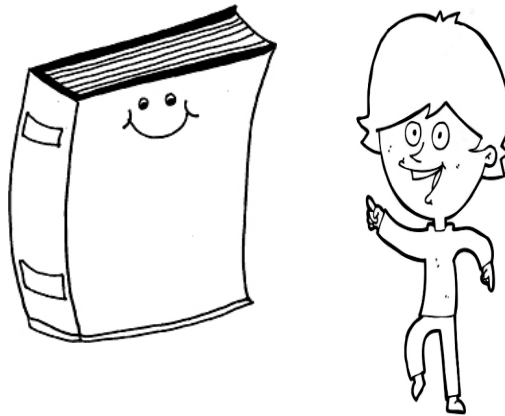
Com a Bíblia não é diferente. Sua origem é de muitos séculos atrás e muitas vezes o que mais temos sobre ela são dúvidas e falsas certezas. A melhor maneira de resolver isso é dialogar com a própria Bíblia e com as pessoas que se dedicam a estudá-la. Para isso, acompanhemos, a seguir, um diálogo entre a Bíblia e Severino.

2.

A cada paginar, uma prosa

Severino: Olá, Bíblia! Que bom que você aceitou conversar comigo. Eu estava ansioso por este encontro.

Bíblia: Eu também, Severino, pois estou sempre aberta para boas conversas.



Severino: Eu gostaria de iniciar nossa conversa falando sobre seu nome.

Bíblia: Meu nome? Por quê? *(Risos)*

Severino: Não me leve a mal, mas seu nome me parece um pouco estranho. Nunca vi alguém que se chamasse Bíblia. *(Risos)*

Bíblia: *(Risos)* Severino, entendo seu estranhamento. É que meu nome veio da língua grega. Em grego, Bíblia significa “livros”. Deram-me esse nome porque sou uma coleção de muitos livros.

Severino: Muito curioso! Entendi.

Bíblia: Pois é! *(Risos)*

Severino: Bíblia, nós, humanos, passamos por diversas fases desde a fecundação do óvulo no interior de nossas mães até nos tornarmos adultos. E com você, Bíblia, ocorreu algo parecido?

Bíblia: Sim, Severino, ocorreu sim.

Severino: Como? Você poderia me contar?

Bíblia: Severino, é uma longa história, mas tentarei narrá-la resumidamente. Está bem?

Severino: Sim, sim, está bem!

Bíblia: O povo de Israel, durante sua vida, fez várias experiências de Deus. Como o povo não sabia ler e escrever, essas experiências eram contadas de boca em boca. Eram histórias bonitas e o objetivo de contá-las era trazer uma lição de vida para as pessoas que se punham a ouvir essas histórias. Quando surgia uma situação de opressão, contava-se, por exemplo, a história de Deus libertando seu

povo da escravidão do Egito. O povo que ouvia a história ficava animado e, então, se sentia inspirado a lutar por sua liberdade. Às vezes, para deixar mais claro o ensinamento dessas histórias, seus contadores e contadoras as modificavam. Isso nunca foi visto como problema! O mais importante era fazer com que essas histórias continuassem a ter sentido para quem as ouvia. E foi assim por cerca de 500 anos! Só depois desse tempo todo é que começaram a pôr por escrito o que até então era passado de boca a boca em noites de lua clara.

Severino: Nossa! Eu não sabia nada disso... Afinal, sempre me disseram que você era a Palavra de Deus e pronto.

Bíblia: Sim, eu sou Palavra de Deus, mas não no sentido que as pessoas costumam dizer.

Severino: Como assim?

Bíblia: Olha, Severino, Deus sempre falou na vida, a partir de fatos e acontecimentos. O povo de Israel, assim como muitos outros povos, percebeu a ação de Deus em sua vida cotidiana e em suas lutas por liberdade e terra. Para expressar essa percepção da presença de Deus em sua vida, o povo de Israel se exprimiu de diversas formas: poesias, cantigas, novelas, narrativas simbólicas, fábulas e assim por diante.

Severino: Você poderia exemplificar?

Bíblia: Sim, Severino, posso sim. Mas como há muitos exemplos, direi apenas alguns. Está bem?

Severino: Sou todo ouvidos...

Bíblia: Bom! Os relatos da criação em Gênesis 1,1-2,4a são poesias que expressam o sentimento do povo que acreditava que todas as coisas foram criadas por Deus. A passagem de 1 Coríntios 13 é uma “cantiga ao amor” cantada nas primeiras comunidades de Jesus. As histórias de José, Rute, Jó e Jonas são novelas pedagógicas. A passagem do povo de Israel pelo mar é uma narrativa simbólica que exprime a experiência do povo que, com a fé em Deus, conseguiu atravessar muitos mares de dificuldades, como secas e perseguições. A história das plantinhas conversando em Juízes 9,7-15 é uma fábula contada para criticar a monarquia.

Severino: Estou pasmo! Mas, mas, mas... você não é “sagrada”?

Bíblia: Sim, Severino, sou sagrada sim. Brotei da vida e fui sendo construída com os mais belos ritmos e cores da cultura popular. Sou Sagrada porque a vida é Sagrada!

Severino: Então, como devemos ler as suas páginas?

Bíblia: Com sentimento de amizade. Não quero ser senhora de ninguém. Pelo contrário, desejo que a experiência que carrego em mim dialogue com a experiência de vida de cada comunidade, a fim de que, na vida, saibamos que caminho tomar. Olha, Severino, por todo lado, gritam: “A Bíblia diz!, A Bíblia diz!”. Estou cheia disso! Penso que deveriam ser mais cuidadosos antes de saírem por aí dizendo que “eu disse” o que, na verdade, são eles que querem dizer e não têm coragem de assumi-lo em público.

Severino: Você poderia explicar melhor?

Bíblia: Severino, posso fazer-lhe uma pergunta?

Severino: Sim, é claro.

Bíblia: Você se recorda de discursos de ódio e de ternura, de conselhos para o bem e para o mal, de planos que deram certo e de planos que deram errado, de pessoas que acertaram e de pessoas que se enganaram, enfim, de pessoas bem diferentes entre si?

Severino: Sim, lembro-me. Inclusive, vem à minha mente, neste momento, a diferença entre meu compadre e meu cunhado: meu compadre sempre defendia o amor e a fraternidade; meu cunhado, porém, defendia o porte de armas e a pena de morte. Eram duas pessoas bem diferentes!

Bíblia: Comigo também é assim! Eu guardo muitas memórias e não as escondo de ninguém. Guardo a memória de Josué invadindo terras e matando gente, como também a memória de Jesus dando sua vida pelo povo. São memórias de um longo período de tempo, lembranças que cobrem um período de mais de 1000 anos. Quando as pessoas me leem, tomam para si aquilo que as agrada, aquilo com que se parecem, aquelas memórias nas quais elas sentem prazer.

Severino: Todos os dias, praticam o mal em seu nome. Como resolver esse problema?

Bíblia: Severino, esse problema não é meu, é de vocês! Mas, para não deixar passar sem resposta, digo-lhe o seguinte: das minhas memórias, a que mais me agrada é a de Jesus de Nazaré. Por que vocês não se espelham na vida dele?

Severino: Sua sugestão me parece sensata.

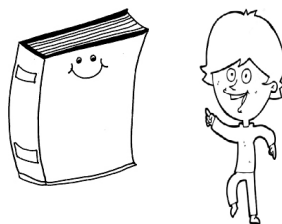
Bíblia: Eu também acho.

Severino: Bíblia, agradeço-lhe por esta agradável conversa. Eu pensei que lhe conhecia bem, mas vejo que eu estava enganado.

Bíblia: Severino, quem pensa que sabe de tudo não sabe de nada. Você é diferente da maioria das pessoas. Você é aberto ao diálogo.

Severino: Obrigado por essa conversa, espero que nos encontremos mais vezes.

Bíblia: Por nada, Severino! Eu também espero. Até logo!



3.

A vida de Jesus como chave para ler a Bíblia

A vida de Jesus, expressa nos quatro Evangelhos, é o lugar a partir do qual devemos ler toda a Bíblia. A razão para isso é simples: visto que Jesus é a Palavra que se fez gente (Jo 1,14), sua vida – isto é, seu modo de viver, suas palavras, suas escolhas, sua postura diante de si e dos outros – é a Palavra de Deus por excelência.

Imaginemos uma montanha. Qual o melhor lugar para avistar e compreender toda a sua geografia? Suas bases? Não! Um de seus lados? Também não! Onde, então? O seu topo. De lá, sim, veremos e entenderemos tudo de modo mais claro. Assim também é com a Bíblia. A vida de Jesus, conforme a memória dos Evangelhos, é o topo mais alto da Bíblia. E é de lá que devemos ler tudo o que está posto antes e depois.

A VIDA DE JESUS (Mt, Mc, Lc e Jo)



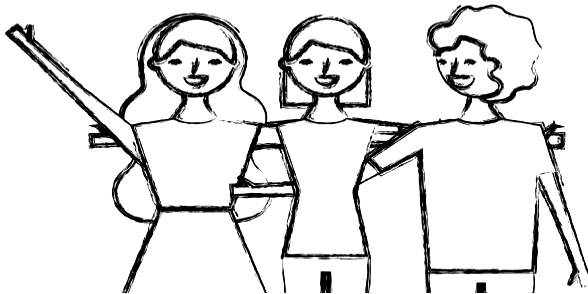
Essa é a primeira e mais fundamental chave para ler a Bíblia. Eis o exemplo de alguém que se valeu dessa chave para resolver um impasse.

Certo dia, Mariana caminhava sobre a areia da praia. Naquela ocasião, apareceram alguns amigos seus do tempo do ensino médio. A alegria tomou conta daquele momento. Como é bom rever as pessoas que amamos!

Conversa vai, conversa vem, a religião, como sempre, aparece. Faz parte de nossas vidas... Foi assim: Raimundo, um dos amigos de Mariana, contou-lhe que há cinco anos frequentava uma igreja na qual o pastor dizia repetidamente: “Meus irmãos e minhas irmãs, oremos para que Deus quebre a cara de nossos inimigos. Façamos como o salmista, quando disse: ‘Levanta-te, Senhor! Salva-me, Deus meu! Pois tu feres no queixo todos os meus inimigos; quebras os dentes dos ímpios’ (Sl 3,7). Vamos! Orem!”, arrematava o pastor.

Mariana, tendo ouvido esse relato, disse a Raimundo: “Raimundo, olhemos para a vida de Jesus. O que ele ensinou e como agiu? Lembremo-nos, Raimundo, que numa de suas conversas, Jesus disse: ‘Mas eu vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem’ (Mt 5,44) e perante aqueles que o assassinavam, ele reagiu com estas palavras: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem...’ (Lc 23,34). A vida de Jesus é o critério, Raimundo. A vida de Jesus é a genuína Palavra de Deus. Afinal de contas, Jesus disse que ninguém conhece o Pai a não ser ele, que é o Filho, ou aquele a quem ele o quiser revelar (Mt 11,27; Lc 10,21).

“Agora, sim, entendi”, disse Raimundo a Mariana. “De agora em diante”, prosseguiu, “permanecer no amor será a minha resistência diante de quem se faz meu inimigo e orarei para que os corações odiosos encontrem o caminho da ternura”. “Sim, Raimundo”, disse Mariana, “é isso mesmo. A vida de Jesus é o lugar de onde devemos ler toda a Bíblia. Seguir a Jesus é viver como ele viveu, isto é, viver no amor que desbanca o ódio e o egoísmo e realiza a justiça e a fraternidade”.



4.

A Bíblia apresenta projetos conflitantes entre si

Nós carregamos conosco memórias de muitas pessoas, tanto das que assumiram o amor e a justiça como princípio de vida, como também das que emprestaram suas vidas ao ódio e à injustiça. A Bíblia não é diferente! A Bíblia é um livro de memórias, uma espécie de “diário de 1000 anos”, posto que suas memórias cobrem um período de tempo de aproximadamente um milênio.

A Bíblia não esconde suas memórias: deixa-as à mostra para quem desejar vê-las. Suas boas memórias, dentre as quais a vida de Jesus é a principal, ajudam-nos a discernir sobre como devemos viver hoje. Por outro lado, suas más memórias ajudam-nos a perceber com maior clareza o que ameaça a vida e diminui a nossa humanidade.

A presença de uma pluralidade de memórias na Bíblia retrata a diversidade de ideias e projetos que conviviam e disputavam entre si

ao longo do tempo em que a Bíblia ia sendo escrita. Em linhas gerais, sempre houve, no povo que escreveu a Bíblia, dois projetos conflitantes entre si: um *oficial* e outro *popular*. O projeto oficial representava os interesses do palácio real e do Templo de Jerusalém, ao passo que o projeto popular refletia os sonhos de liberdade e justiça dos camponeses empobrecidos e explorados pelo palácio e pelo Templo. Abaixo, podemos ver alguns exemplos da presença desses dois projetos na Bíblia¹:

Projeto oficial	Projeto popular
Defende o <i>genocídio</i> total dos habitantes de Canaã e vê a religião de Israel como a única expressão legítima de Deus. No livro de Josué, por exemplo, vemos os israelitas assassinando, ao fio da espada, homens, mulheres, crianças e animais da terra Canaã (Js 6,21) e, mais adiante, assistimos a uma postura de desprezo e intolerância em relação a outras formas de expressão do Sagrado (Js 24,14-15).	Propõe a <i>convivência pacífica</i> com os povos de Canaã e reconhece a presença de Deus na vida desses povos. Isto aparece, em especial, nas narrativas sobre Abraão (Gn 12–25). Ali, Abraão é amigo dos povos que habitam a terra de Canaã, com eles faz aliança e reconhece a presença de Deus em suas vidas (cf., em especial, Gn 20).
Opõe-se a uma sociedade organizada como comunhão de tribos e trabalha pela instauração da monarquia (1 Sm 9,15-16; 10,1)..	Defende a sociedade organizada como comunhão de tribos e opõe-se à monarquia (Jz 9,1-21; 1 Sm 8; Os 8,4-7; 9,15; 13,9-11).

1 Para aprofundar este tema, cf. GASS, Ildo Bohn (org.). *Introdução à Bíblia: porta de entrada* (vol. 1). São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2012, p. 33-35.

Projeto oficial	Projeto popular
Vê as regalias do palácio e o luxo do Templo com sendo vontade de Deus (1 Rs 6-7)	Vê o palácio e o templo como fruto da exploração e do pecado (1 Rs 12; Is 1,12; 66,1-2)
Compreende o culto como <i>prática religiosa</i> centrada no Templo (1 Rs 8).	Compreende o culto como <i>prática social</i> centrada na misericórdia, no direito e na justiça (Os 6,6; Am 5,21-24; Mq 6,8)
Afirma que a <i>pobreza é sinal do castigo</i> de Deus (Ag 1,2-11; Ml 3,6-12).	Afirma que a <i>pobreza é sinal do roubo</i> cometido pelos ricos (Lv 19,1-7; Dt 24,19; 15,11).
Diz que a riqueza é sinal da bênção de Deus (Pv 10,22; Sl 127).	Diz que a riqueza é sinal do roubo e da injustiça cometidas pelos ricos (Am 2,6-7.10; 4,1).
Defende que a terra deve pertencer ao rei e o povo deve ser seu escravo (Gn 41; 47,13-26).	Defende que a terra é dádiva de Deus para todo o povo e este deve viver nela em liberdade (Dt 1,25; 15; 1 Rs 21).

Quando lemos os Evangelhos, percebemos claramente que *Jesus assumiu, continuou e aperfeiçoou o projeto popular*. Basta lembrarmos de que Jesus dialoga com uma mulher samaritana (Jo 4,1-42) e elogia a fé de um centurião romano (Mc 8,5-10); chama o rei Herodes de “raposa” (Lc 13,31-32), rejeita ser rei (Jo 6,15) e convida à comunhão solidária (Mc 10,35-45; Jo 13,1-20); denuncia a quadrilha do Templo (Mc 11,15-19; Mt 21,12-17; Lc 19,45-46; Jo 2,13-17) e convida ao culto como prática social da misericórdia (Mt 9,13; 25,31-46); afirma

que a pobreza é fruto da injustiça mascarada de piedade religiosa (Lc 20,45-47) e que o Reino de Deus é dado aos empobrecidos (Lc 6,20); sublinha que Deus reprova o acúmulo de riquezas (Lc 6,24-25; 12,13-21) e convida a uma fé testemunhada na partilha dos bens (Lc 12,22-34) e na opção fundamental pelos pobres (Lc 14,12-14); ora pela vinda do Reino de Deus e ensina seus discípulos e discípulas a fazerem o mesmo, pois quando o projeto de Deus é realizado, a terra passa a ser de todos (Mt 6,10; 11,2).

Além das passagens acima, a opção de Jesus pelo projeto popular é claramente expressa em sua pregação na sinagoga de Nazaré e em seu discurso enquanto caminhava rumo a Jerusalém: na sinagoga, Jesus afirma seu compromisso de levar uma boa notícia para os pobres (Lc 4,18-19); no caminho de Jerusalém, deixa claro que Deus escondeu dos sábios e entendidos o mistério do Reino e o revelou aos *pequenos*, quer dizer, ao povo empobrecido pelos supostamente sábios e entendidos (Lc 10,21-22).

Quando lemos a Bíblia, devemos ter em mente que em suas páginas estão presentes *dois projetos* conflitantes entre si – o oficial e o popular – e que *Jesus optou pelo projeto popular*. Esta é a segunda chave para ler a Bíblia que apresentamos.

Ao apresentarmos esta segunda chave, desejamos que você, enquanto estiver lendo a Bíblia, esforce-se para identificar o que pertence ao projeto oficial e o que é próprio do projeto popular. Mais que isso, almejamos que você, seguindo o exemplo de Jesus, opte também pelo projeto popular, fazendo de sua vida sinal de esperança para o mundo.

5.

O tema da Bíblia é a vida

A Bíblia é uma “coleção de memórias” que, ao longo de mil anos, foram sendo escritas e agrupadas até formarem muitos livros. O conjunto desses livros é chamado “Bíblia”, palavra proveniente da língua grega que significa “livros”.

Os livros que compõem a Bíblia nasceram em uma época significativamente diferente da nossa. Dentre essas diferenças, uma das mais importantes é aquela que tem a ver com a “linguagem”.²

Nos tempos de hoje, predomina a linguagem científica. Quando assistimos às previsões do tempo nos telejornais, por exemplo, somos informados pela ciência climatológica sobre as razões naturais por que determinado período do ano será marcado por chuvas ou por secas.

2 Convém ter presente a distinção entre “linguagem” e “língua”. A língua de um povo é seu *idioma*, como o português, por exemplo. A linguagem, por sua vez, abarca *todas as formas de comunicação*, como a fala, o teatro, a dança, os gestos, etc. A linguagem é, portanto, muito mais abrangente que a língua.

Na cultura do povo da Bíblia, porém, a visão de mundo e a linguagem eram religiosas. Isso quer dizer que tudo era falado em *linguagem religiosa*. A chuva, por exemplo, podia ser vista como sinal da aprovação dos Deuses e a seca, como evidência de que os deuses estavam chateados.

Quando dois povos guerreavam entre si, acreditava-se também que se tratava de uma batalha entre os deuses de cada povo. Assim, quando um povo vencia ou perdia uma determinada batalha, compreendia-se que era seu Deus que havia vencido ou perdido aquela batalha, e assim por diante... Hoje, contudo, sabemos que as guerras são disputas políticas travadas entre homens que querem ser “donos do mundo” e não entre os deuses. A razão para isso é que cada tempo tem a sua linguagem. A nossa é predominantemente científica, enquanto a do povo que escreveu a Bíblia era religiosa.

Visto que a Bíblia carrega as marcas culturais de sua época, sua linguagem é a religiosa. Pelo fato de sua linguagem ser religiosa, costumamos pensar que seu tema seja religião. Seria religião o tema central da Bíblia? A resposta é não. O tema da Bíblia não é religião. A linguagem da Bíblia é religiosa, mas seu tema é a vida!

A título de ilustração, leiamos este poema de Manuel Bandeira (1886-1968):

O BICHO

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.*

O bicho, meu Deus, era um homem.

Acabamos de ler um poema que, obviamente, está escrito em forma de poesia, em linguagem poética. Está claro, porém, que este poema não discute os temas literatura e poesia. Sua linguagem é poética, sim, mas seu tema é outro, a saber: a desigualdade social. Na Bíblia, ocorre o mesmo: sua linguagem é religiosa, sim, mas seu assunto é outro, a saber, *a vida real*. Abaixo, alguns exemplos de passagens bíblicas que aparecem formuladas em linguagem religiosa, mas que têm como tema a vida real:

- a) *Circuncisão* – em Gn 17, Deus estabelece um pacto/aliança com Abraão cujo sinal seria a “circuncisão”. A circuncisão, que é apresentada dentro de um quadro religioso, era, na verdade, uma *política de saúde pública*, pois visava, antes de tudo, evitar uma série de doenças causadas pelo acúmulo de resíduos sob a pele que recobre a glândula peniana.
- b) *Êxodo* – o livro do Êxodo narra a libertação do povo hebreu que vivia como escravo no Egito. Essa narrativa da libertação do povo, também apresentada em linguagem religiosa, trata, no fundo, dos temas *opressão política e organização popular*.
- c) *O mandamento do sábado* (Ex 20,8; Dt 5,12) – a palavra sábado é a tradução do hebraico *shabbat*, que significa “parada, descanso”. Esse mandamento, igualmente apresentado em linguagem religiosa, toca o tema *economia e trabalho*: o trabalho está a serviço da vida e não o contrário.
- d) *Cobrir dejetos* – em Dt 23,10-15, lemos a recomendação de que necessidades fisiológicas fossem praticadas a certa distância de ajuntamentos humanos e, além disso, fossem enterradas com o auxílio de uma pá. Esta recomendação, também apresentada em linguagem religiosa, é, antes de tudo, uma *recomendação sanitária*.
- e) *O lava-pés* – em Jo 13,1-20, assistimos a Jesus lavando os pés de seus discípulos. Naquela época, lavar os pés dos hóspedes era tarefa destinada a escravos pagãos e a mulheres, gente

pertencente às camadas mais inferiores da sociedade. Jesus, ao fazê-lo, apresenta ao mundo um *projeto de igualdade social*.

- f) *A ceia de Jesus* – na ceia de Jesus há pão e vinho para todas as pessoas. Não por haver sobra, mas porque há partilha. Além disso, é essencialmente inclusiva, pois Jesus acolhia a todas as pessoas desprezadas pela religião e pela sociedade. Assim, a ceia de Jesus é uma espécie de *mesa revolucionária*, pois acolhe a todos e dá a cada qual igual medida de pão e vinho.
- g) *Igreja* – em Mt 16,18, lemos que Jesus disse que edificaria sua “igreja” (em grego, *ekklesia*), ou seja, uma comunidade que existe com o intuito de conscientizar-se sobre o mundo e de empenhar-se para transformá-lo à luz do compromisso com o projeto divino de amor, justiça e solidariedade. São verdadeiras *comunidades de resistência e transformação social*, verdadeiros movimentos de transformação do mundo a partir das pessoas marginalizadas.
- h) *Evangelizar* – no Novo Testamento, evangelizar não tem a ver com o anúncio de uma religião nem com a apresentação de doutrinas religiosas. Na boca de Jesus e do apóstolo Paulo, por exemplo, evangelizar significa conscientizar o povo injustiçado e oprimido de que Deus está a seu lado e que o convida para formar comunidades que sejam focos do enfraquecimento das estruturas opressoras e do anúncio de

um projeto de felicidade como fruto da justiça (Lc 4,16-30; 1 Cor 1-4; cf. Is 32,17).

- i) *O Apocalipse* – este livro, que foi escrito em meio a uma sangrenta perseguição política do final do século I de nossa era, constitui um *manifesto político* contra o império Romano que, à época, perseguia as comunidades de fé que não se dobravam perante o projeto político do imperador.

Além desses exemplos e de outros tantos que poderiam ser aqui listados, vale lembrar mais um: Jesus *nunca* convidou pessoas para aderirem a uma determinada religião. Isso, sem sombra de dúvidas, estava fora de cogitação para ele. A proposta de Jesus sempre consistiu num chamado à conversão, ou seja, a refazer o caminho, a mudar a maneira de viver.

Ao lermos a Bíblia, devemos ter em mente que *a linguagem da Bíblia é religiosa, mas seu tema é a vida real*. Esta é a terceira chave para ler a Bíblia que apresentamos.

6.

A Bíblia é testemunho escrito sobre a Palavra de Deus

Ao longo deste curso, temos sublinhado que a Bíblia é um “livro de memórias”, as quais foram sendo contadas e recontadas oralmente durante muito tempo até que, por fim, começaram a ser postas por escrito.

O conjunto de memórias que compõe a Bíblia cumpre uma finalidade bem específica: ser testemunho sobre a Palavra de Deus. O termo “palavra” é uma tradução do hebraico *daḥar* (pronuncia-se *davar*). Na língua hebraica, *daḥar* significa, fundamentalmente, “acontecimento”, como veremos no exemplo a seguir.

Em dado momento da história, os hebreus foram escravizados por Faraó, rei do Egito. Aparece, então, Moisés, Aarão e Mirian, que reúnem e articulam o povo ao redor de um projeto de libertação. Faraó resiste, mas o povo reunido não se deixa vencer. A libertação

acontece. Experimenta-se o êxodo do Egito, a saída da casa da escravidão para uma terra de liberdade. Este acontecimento, provavelmente ocorrido no séc. XII a. C., é Palavra de Deus. O livro do Êxodo, por sua vez, é um testemunho escrito acerca desta Palavra. Em resumo: os acontecimentos são Palavra de Deus e os textos que falam desses acontecimentos são testemunhos da Palavra de Deus.

É importante termos presente que o texto bíblico *não* é o acontecimento, mas um testemunho acerca deste. No campo bíblico, “testemunho” não deve ser entendido como um testemunho jurídico, como se o testemunho bíblico fosse uma mecânica descrição de fatos. A Bíblia é muito mais que isso!

O testemunho bíblico não tem nada a ver com os testemunhos judiciais de nossa época. Os testemunhos prestados à justiça objetivavam a descrição de fatos exatamente como ocorreram. O testemunho bíblico, por seu turno, tem outra finalidade: apresentar uma interpretação de experiências e acontecimentos do passado com o objetivo de ajudar o povo a ouvir a voz de Deus nos acontecimentos do presente.

A Bíblia, enquanto testemunho sobre a Palavra de Deus, interpreta a Palavra de Deus (os acontecimentos) de modo criativo e pluralmente. É por isso que, na Bíblia, há diferentes testemunhos sobre um mesmo acontecimento. Um exemplo disso é a “chacina de Jezrael”. Em 2 Rs 9-10, o profeta Eliseu e o oficial real Jeú aliam-se para executar um golpe de Estado que inclui o assassinato da família real e culmina na ascensão deste mesmo Jeú ao trono. Tal chacina, que ocorreu na

cidade de Jezrael, é apresentada nessa passagem bíblica como sendo vontade de Deus. Um século depois, isto é, no séc. VIII a.C., o profeta Oseias retoma esse mesmo fato sob outra perspectiva: nas palavras de Oseias, Deus está profundamente indignado com a chacina cometida com o incentivo do profeta Eliseu (Os 1,3-5).

São dois testemunhos distintos e opostos sobre um mesmo acontecimento, isto é, sobre uma mesma Palavra de Deus. Isso se explica por que o testemunho, em si mesmo, não é a Palavra. O testemunho é uma interpretação da Palavra de Deus, ou seja, um olhar específico sobre determinados acontecimentos. Não é Deus quem provoca os acontecimentos. Deus, no entanto, fala por meio deles. A chacina de Jezrael não foi provocada por Deus, mas por um conluio político entre um profeta e um homem da alta confiança do rei. Em 2 Rs 9-10, a Palavra de Deus ouvida na chacina é que Deus está indignado contra os desmandos da realeza. Por outro lado, o profeta Oseias defende que a Palavra de Deus ouvida na chacina é que Deus é contra o derramamento de sangue, como bem prescreve o decálogo, dizendo: “Não matarás!” (Ex 20,13). Poderiam ser apresentados muitos outros exemplos; este, porém, é suficientemente forte.

Como palavra é acontecimento, a tradição bíblica compreende que a palavra de uma pessoa é a sua própria vida.³ No Novo Testa-

3 Em 1 Rs 11,41, lemos: “Quanto ao mais do **atos** de Salomão, a tudo quanto fez, e à sua sabedoria, porventura, não estão escritos no Livro das **Histórias** de Salomão?”. As palavras postas em negrito são traduções de um único termo hebraico: *daḅar*, que, aqui, aparece

mento, lemos que a vida de Jesus é Palavra de Deus (Jo 1,14; 14,8-9). Isso significa que a vida de Jesus, enquanto acontecimento histórico, é Palavra de Deus. Os Evangelhos, por sua vez, são testemunhos escritos sobre a vida de Jesus, que é Palavra de Deus.

Nas comunidades cristãs, costuma ser muito forte a ideia de que a Bíblia é a Palavra de Deus e que, por isso, devemos ser seguidores dela. No entanto, convém lembrar que a Palavra de Deus não pode ser aprisionada na gramática e que Jesus, Palavra de Deus por excelência, não pode ser posto dentro de livros (cf. Jo 20,30-31; 21,24-25). A Bíblia não é Deus nem é Jesus!

A Palavra de Deus é sempre ouvida nos acontecimentos, dos quais o principal é a vida de Jesus e das comunidades que assumem seu projeto. A Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, é testemunho acerca da Palavra de Deus. O testemunho bíblico não tem o objetivo de desmerecer os testemunhos das demais religiões nem de apenas informar-nos sobre um passado morto. A Bíblia, enquanto testemunho escrito sobre a Palavra de Deus, quer nos ajudar a interpretar os acontecimentos de nosso tempo para neles descobrirmos a Palavra de Deus que nos chama ao amor e ilumina nossa vida (Sl 119,105). Esta é a quarta e última chave para ler a Bíblia que apresentamos neste curso.

traduzido por “atos” e “histórias”, deixando claro que os atos de Salomão e sua história de vida formam, em seu conjunto, a palavra de Salomão.

Para não concluir

Ler a Bíblia é uma tarefa que exige responsabilidade e empenho constantes. Não basta memorizar textos bíblicos: é preciso interpretá-los! A Bíblia, se bem interpretada, pode ser experimentada como uma “Escola de Liberdade”⁴, uma luz que ilumina a nossa caminhada de fé, um poema de amor e de resistência que nos inspira a lutar por um mundo mais justo e solidário.

Neste singelo curso, apresentei-lhes quatro chaves para ler a Bíblia. Há muitas outras, é claro. Detivemo-nos, porém, naquelas que nos pareceram essenciais para a interpretação global da Bíblia.

A despeito de este curso ter como assunto a interpretação da Bíblia, seu horizonte está para além da Bíblia. A intuição que subjaz a este pequeno curso é que, interpretando melhor a Bíblia, também interpretaremos melhor a vida e vice-versa...

A experiência de ler a Bíblia atingirá sua finalidade quando nossos próprios corpos se tornarem poesia de liberdade.

⁴ Expressão muito própria de Dom Sebastião Armando Gameleira Soares.



**O Curso Básico de Interpretação Bíblica –
chaves para ler a Bíblia** – é um despertar
para uma leitura bíblica mais libertária e popular.
Convida-nos a entrar de modo simples, porém profundo,
nas narrativas bíblicas, assim como nos provoca a
ler a Bíblia sob a chave de leitura da vida de Jesus
e nos apresenta os projetos conflitantes presentes
no texto sagrado.

Kinno Cerqueira nos apresenta a vida como tema
central da Bíblia; Bíblia esta que é um testemunho
escrito sobre a Palavra de Deus.

É um texto nascido de assessorias e acompanhamentos
a grupos ecumênicos, produzido por um ceiano de
origem batista, que vai ajudar você a se aproximar da
Bíblia pela vida e pela ótica dos/as empobrecidos/as.